

O BERÇO da CRIANÇA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTÓNIO LINO

• DIRECTOR: H. ALMEIDA •

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalicão

«CASAS DO POVO»

O traço dominante da organização corporativa, a imprimir-lhe beleza e contextura, reside na colaboração entre dirigentes e dirigidos, em função do progresso social. A exemplificar esta concepção da sociedade baseada no auxílio mútuo, temos as «Casas do Povo», inspirada criação de Salazar, destinadas aos meios rurais.

A simpatia que o diploma que instituiu estes organismos suscita, redobra de intensidade, ao compulsarmos os positivos e surpreendentes resultados, em que as «Casas do Povo» se desdobram, através das aldeias de Portugal.

Além da sua função moralizadora, congregando proprietários e caseiros no mesmo ambiente de simpatia e colaboração social, as «Casas do Povo» organizam caixas de previdência, ocupam desempregados, promovendo trabalhos de interesse paroquial, prestam assistência médica gratuita, inauguram postos de ensino, adquirem rádios, promovem sessões culturais, fundam pequenas bibliotecas, etc. Instituições que desenvolvem uma acção de tam grandioso significado, merecem a coadjuvação de todos os homens de consciência recta.

A «Casa do Povo» é o lar da vida aldeã, onde se agrupam, sob a orientação dos «homens bons», todos os que trabalham a terra, com o fim do seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social.

Salazar, traçando a orgânica destas instituições, rasgou aos donos dos campos, um vasto plano de acção. O Estado contribue com cinco contos, o proprietário com cinco escudos mensais, o lavrador com um escudo. Da conjugação destes três factores, resulta em cada freguesia, um edifício de peregrina beleza social.

A acção desenvolvida no nosso concelho em benefício destas instituições, confrange e amargura.

Em área de oitenta freguesias, apenas se regista uma «Casa do Povo».

A causa deste mal deve filiar-se em certos defeitos constitucionais do carácter português.

Em geral, a nossa solicitude pelo infortúnio e pela miséria, traduz-se numa caridade miúda, vexatória e contraproducente.

Nesta hora de restauração nacional, a acção renovadora deve objectivar-se em obras sociais, resistentes e bem alicerçadas, capazes de prestar aos nossos semelhantes uma assistência contínua, garantindo-lhes o pão, nos momentos de adversidade, hoje, amanhã e sempre.

As «Casas do Povo» satisfazem plenamente a este objectivo.

A' MARGEM

E' no jornalismo, que o carácter dos homens se avalia com rigorismo e exactidão.

Os fracos, os pusilânimes, sosso-ram ás primeiras investidas; os rancorosos e despeitados, desentranham-se em insinuações com pérfidos objectivos; os traiçoeiros, sob a capa do «diz-se», expressivo sintoma de decadência moral, golpeiam, com reticências e expressões ambiguas, as aspirações mais honestas.

Estas enfermidades contaminam por vezes muitos jornais.

Há-os, felizmente enérgicos, desassombrados e nobres.

Das suas colunas, desprendem-se propósitos construtivos e um humor sadio; das dos outros, escorre bilis esverdeada.



Que ninguém veja nestas palavras, quaisquer alusões pessoais.

Se esse objectivo estivesse na nossa mente, cometeríamos precisamente os erros que verberamos.

Estamos genericamente falando, como dizia um nosso mestre liceal.



Jornalismo integrado em normas bisbilhoteiras, repugna-nos; jornalismo apenas preocupado com o piso das ruas, ajardinamento de largos e cousas quejandas, não nos seduz; jornalismo com colunas e colunas de partidas, chegadas e *délivrances*, não nos interessa.



Então que queremos nós?

Não será na equilibrada dosagem de todas estas secções que reside a boa feitura do jornal? Talvez.

Mas o escôpo que visamos é outro: que os problemas que agitam a consciência nacional, se reflitam, se repercutam, no nosso meio.

Corporativismo, colonização, higiene, puericultura, eis os temas das nossas secções mais predilectas.

O resto, são ninharias, matérias de somenos importância.

Os experimentados no jornalismo, segredar-nos-ão:

Pois é nessas ninharias que está a base do jornal, as suas possibilidades de expansão.

O «meio» assim o exige.

Mas nós, desde já o declaramos, estamos aqui para reagir contra o «meio».

D A C I D A D E

SOCIEDADE

VIDA CATÓLICA

O problema das águas

ANIVERSÁRIOS:

Nesta semana fizeram anos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 19 — D. Maria de Barros da Rocha Carneiro.

Dia 20 — D. Maria José Trêpa Oliveira Ramos.

Dia 21 — D. Maria Augusta de Sousa Queiroz, D. Amélia Moreira Guimarães e D. Maria da Conceição Freitas Ribeiro.

Dia 23 — D. Adélia Ramos de Macedo Chaves.

Dia 24 — D. Ana Amélia Leite de Magalhães Couto, D. Beatriz Paiva Costa e D. Maria do Carmo Rocha.

E os ex.^{mos} srs.:

Dia 20 — Dr. António Baptista Leite de Faria.

Dia 23 — Dr. António Pedro de Barros.

Dia 24 — Ernesto Rebêlo de Magalhães.

DE VISITA:

Cumprimentamos no dia 17 nesta cidade, o distinto médico dr. António Vilas-Boas e Alvim, professor do Liceu Sá de Miranda de Braga.

PEDIDO DE CASAMENTO:

Pela sr.^a D. Emilia Martins de Sequeira Braga Aldão, foi pedida em casamento para seu filho Miguel Tobin de Sequeira Braga, a sr.^a D. Maria Manuela de Bourbon Mendes Ribeiro, filha da sr.^a D. Rosa Leocádia de Bourbon Mendes Ribeiro e do sr. José Mendes Ribeiro.

O enlace deve realizar-se brevemente.

CASAMENTO:

Na capela do Asilo de Donim, efectuou-se no dia 27, pelas 12 horas, o casamento do nosso prezado conterrâneo sr. Alfredo Faria Martins, com a sr.^a D. Cacilda Pereira dos Santos.

Este acto, que teve a comparência das pessoas de família dos noivos, revestiu-se dum aspecto encantador e festivo.

Raparigas do campo, com os garridos trajos minhotos associaram-se à cerimónia, lançando flores sobre os nubentes.

Paraninfaram por parte do noivo seu irmão sr. José Faria Martins e sua mãe D. Custódia Ribeiro de Faria Martins e por parte da noiva seu irmão sr. Eduardo Pereira dos Santos e sua irmã sr.^a D. Deolinda Pereira dos Santos.

O Berço da Grei deseja as maiores venturas ao novo lar.

Evangelho:

Naquele tempo disse Jesus aos fariseus: *Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. Porém o mercenário e o que não é pastor, de quem não são próprias as ovelhas, vê vir o lobo e deixa as ovelhas e foge; e o lobo arrebatá e faz desgarrar as ovelhas: o mercenário foge porque é mercenário e porque não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor, e conheço as minhas ovelhas, e as minhas conhecem-me. Como o Pai me conhece, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho também outras ovelhas que não são deste aprisco; e importa que eu as traga, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor.*

(S. João, x, 11).

Considerações:

Aí está um título que Jesus apresenta para atrair a Si todas as almas — Eu sou o bom pastor — E a Igreja Católica escolhe esta parte do Evangelho para o domingo que se segue à semana pascal para que os fiéis vejam bem quanto foram verdadeiras estas palavras do Divino Salvador. — Eu sou o Bom Pastor. O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. — Jesus deu a sua vida por todos nós. Cada um de nós pode dizer com S. Paulo, num transporte de reconhecimento e amor — Jesus amou-me e sacrificou-se por mim.

Jesus compara as almas que Ele resgatou com o preço do seu sangue e da sua Morte de Cruz, às mansas ovelhas que acompanham fielmente e sempre o seu pastor para qualquer parte que este vá ou as chame. Assim também a todos nós que temos a felicidade de reconhecer Jesus como nosso Pastor, importa desde já escutar a sua voz e segui-la prontamente através de todos os sacrifícios, confiando plenamente na sua bondade e poder. Ouvimos a sua voz na leitura e estudo do seu Evangelho na audição da palavra da Igreja docente a quem Ele mesmo confiou a missão de pregar a sua doutrina; ouvimos a sua voz no recolhimento do nosso coração, na oração mental: ouvimos a sua voz quando fixamos o crucifixo, livro aberto que todas as almas, as mais ignorantes, sabem ler.

Felizes as almas, que reconhecendo a voz de Jesus, a seguem dócilmente, como as ovelhinhas seguem o seu pastor; desgraçadas aquelas que põem resistências em O seguir, porque correm risco de se tornarem presas do demónio, que como lobo devorador nos procura também para a perdição eterna.

São árduos os caminhos por onde Jesus nos chama — a renúncia, abnegação, lutas, sacrifícios mas só por eles é que chegaremos à região da luz, verdade e paz plena, e de bemaventurança eterna.

— Eu sou o caminho, a verdade, a vida. — O cajado com que Ele nos ampara e defende, é a sua cruz, não o esqueçamos. E' portanto em volta dela que havemos de juntar-nos e abraçá-la de todo o nosso coração se queremos ser salvos.

Conferência de S. Vicente de Paulo

Esta simpática instituição de caridade, na sua última reunião, resolveu fazer-se representar na Peregrinação Vicentina ao Sameiro, que se realiza amanhã, bem como mandar celebrar a Missa do Bom Pastor na Capela de S. Crispim na próxima segunda-feira, pelas 7,30, para assim dar cumprimento ao seu Regulamento.

Pia Associação dos Amigos do Sagrado C. de Jesus

Realizou-se no passado domingo a Missa Mensal desta Pia Associação, na Igreja do Carmo, sendo muito concorrida pelos seus associados.

A Festa dos Prazeres de Nossa Senhora da Madre-de-Deus

Na passada segunda-feira realizou-se a festa de Nossa Senhora da Madre-de-Deus no Templo dos Santos Passos, sendo orador o rev.^{mo} sr. dr. Moreira Neto, S. J. e coral a cargo dos Internados das Oficinas de S. José.

O Templo estava ricamente adornado pelo hábil armador Passos, estando repleto de fiéis.

Hora de Adoração

No próximo domingo realiza-se a Hora de Adoração na igreja paroquial de S. Sebastião, às cinco horas da tarde, e no fim a reunião das zeladoras do Apostolado da Oração.

Agua do rio Ave — Caracteres organolépticos: Limpidez — límpida; côr — incolor; cheiro — inodora; sabor fino.

Exame microscópico do sedimento — Sedimento constituído por partículas argilosas, detritos vegetais, algas verdes e castanhas e raros protozoários.

Agua da Penha — Caracteres organolépticos: Limpidez — límpida; côr — incolor; cheiro — inodora; sabor fino.

Exame microscópico do sedimento — Sedimento constituído por partículas argilosas, detritos vegetais e raros protozoários.

O sítio onde o rio Ave passa mais perto de Guimarães é um pouco abaixo de Campelos. Acima da fábrica, junto a Fermentões, tem o inconveniente de receber os esgotos das Taipas, que ficam uns 3 quilómetros a montante.

O local a preferir para a captação é a meio do parque das Taipas. A montante não há povoados, há apenas uma fábrica de serração a uns 3 quilómetros e entre ambas uma pequena ribeira de águas limpas.

A escolha deste local tem a vantagem de poder abastecer a estância termal das Taipas, que luta com grande falta de água, e cuja população na estação calmosa atinge 5.000 pessoas. O parque e o jardim estão secos por falta de água.

No caminho de Guimarães abastecia-se a povoação de Caneiras, pequeno centro fabril, hoje bastante populosa, com umas 3.000 pessoas.

A água era elevada de 85 metros aproximadamente até ao alto de Fermentões à cota 288, numa extensão de 4 quilómetros. Do depósito de Fermentões seguia para o reservatório de Guimarães, à cota 275, por um conduto de 3 quilómetros e neste trajecto já abastecia Caneiras (à cota 170 aproximadamente).

O condutor pode, talvez, assentar-se todo no leito da estrada, havendo neste caso que contar com 1^{km},5 a mais de canalização.

As Caldas das Taipas têm já reservatório privativo que recebe água de minas e para o qual se podia fazer a elevação, directamente, da mesma central elevatória.

Toda esta região onde passa o condutor é densamente povoada e estou em crer que os moradores não perderão a oportunidade de gozar do benefício projectado.

(Continua na 7.ª página)

HIGIENE E PROFILAXIA

A tuberculose — Doença social — Dispensário anti-tuberculoso

Como há dias aqui dissemos a tuberculose, o maior flagelo da humanidade, mata anualmente em Portugal cerca de vinte mil pessoas e um milhão em todo o universo.

Guimarães, colmeia industrial e urbana de condições higiénicas bastante deficientes, paga um pesado tributo a esta cifra.

Diversas são as causas que contribuem para fazer deste laborioso concelho um dos oito do país aonde a percentagem obituarial devida a esta doença é maior.

As deploráveis condições de habitação, especialmente da classe proletária; a promiscuidade entre sãos e doentes que, por vezes, aí se nota; a má alimentação dos nossos trabalhadores; as deficientíssimas obras de assistência social, para combater o mal, existentes no nosso meio; a desgraçada noção de solidariedade humana entre patrões e operários constituem, além doutros, as causas predisponentes principais para a eclosão da tuberculose e da sua disseminação.

E não se lembram ou ignoram as pessoas a quem a sorte bafejou com a fortuna que combater este terrível flagelo nas classes desprotegidas é contribuir para a sua própria defesa e dos seus!

Há uma absoluta necessidade de melhorar as condições de vida da gente pobre e trabalhadora, construindo-lhes bairros saudáveis aonde o sol entre aí abundantemente, mas bairros compatíveis com os seus parcos salários.

Os bairros que dentro em breve vão edificar-se devem atenuar um pouco o problema da habitação nesta cidade, mas nem todos os operários poderão arcar com as responsabilidades das suas rendas.

Por isso, seria bom que a Câmara Municipal desse todas as facilidades aos senhores industriais e capitalistas da minha terra, para que pudessem construir casas mais modestas, destinadas a essa gente que, atualmente, está vivendo em verdadeiras pocilgas.

Algumas dessas casas, que já foram corrais de animais, são outros horrores onde tudo é negro, até a própria vida dos seus inquilinos que se vai estiolando pouco a pouco, quando são obrigados pela doença ou pela invalidez a permanecerem dias consecutivos dentro delas.

E' necessário construir muito para depois demolir ou, pelo menos, obrigar os senhorios a fazer grandes obras nos pardiéis inabitáveis, imundos, mal

cheirosos, sem ar e sem luz, que nos envergonham e enxameiam as ruas da cidade.

Mas a luta contra o flagelo tem de ser mais intensa.

E' preciso que, quem pode, contribua com cotas proporcionais aos seus rendimentos e não com quantias irrisórias para que as obras de assistência já existentes (casa dos pobres, cozinha económica, creches, asilos, etc.) possam alargar a sua esfera de acção e, mais ainda, que todos contribuam com donativos ou com o seu esforço para a fundação e sustentação de estabelecimentos que visem directamente a fazer a luta anti-tuberculosa (dispensários, preventórios, pavilhões, sanatórios, etc., etc.).

Estes, assim como outros problemas de higiene social (abastecimento de água, saneamento, afastamento de indústrias insalubres do centro da cidade, etc.) é que são as grandes obras de interesse público que todos nós devemos estimular e acarinhar.

E, a respeito de dispensários ocorre-me agora ao pensamento a resposta que recebeu e surpreendeu a Comissão Concelhia da A. N. T., formada o ano passado em Guimarães, quando se dirigiu à Comissão Executiva pedindo-lhe para construir um estabelecimento dessa natureza nesta cidade.

Profundamente lamentável e imperdoável o que se passou com a Vereação Municipal a quem foi oferecida pela Junta Geral do Distrito a fundação dum dispensário com a participação camarária, na mesma ocasião em que Braga e Barcelos, com uma visão mais larga de filantropia e de assistência social aceitaram essa oferta!

Aqui, ignorando-se ou confundindo-se as funções dum dispensário anti-tuberculoso, rejeitou-se o oferecimento, respondendo-se que a Câmara Municipal ia contribuir para a criação duma enfermaria para tuberculosos no Hospital da Misericórdia desta cidade, que, segundo creio, ainda hoje espera a hora da sua iniciação.

As funções dos dispensários e destas enfermarias são diversas, interdependentes, completando-se umas às outras.

Emquanto que as enfermarias para tuberculosos anexas a hospitais como o desta cidade, sem aparelhagem apropriada, apenas podem ter para penalidade o isolamento desta especie de doentes e fazer-lhes uma terapêutica deficiente, os dispensários em Portugal, têm uma acção social, profiláctica e curativa, muito mais vasta, atendendo à espe-

cialização dos seus serviços e aos meios de que dispõe (Raio X, laboratório de análises, aparelho de pneumotorax, etc.)

E senão vejamos os fins que eles têm em vista no nosso país:

1.º Dar consulta gratuita aos indivíduos de ambos os sexos e de quaisquer idades, enfraquecidos, afectados ou suspeitos de tuberculosos;

2.º Classificar, entre êsses indivíduos, os que devem ser internados nos estabelecimentos da A. N. T., os que devem ser tratados em seus domicílios e os que podem receber tratamento no dispensário;

3.º Proceder ao tratamento dos doentes e fornecer-lhes os medicamentos que careçam, bem como prestar-lhes outros socorros quando as condições da A. N. T. lhe permitam;

4.º Aconselhar e dirigir os trabalhos de higiene e profilaxia da tuberculose tanto na prática individual como de carácter familiar ou social;

5.º Contribuir para a solução dos vários problemas de ordem médica, económica ou social relacionados com a tuberculose, colhendo e registando elementos úteis para essa solução.

Por aqui se vê os relevantes serviços que um dispensário poderia estar prestando neste meio densamente povoado, aonde abundam as classes pobres e proletárias, sem a mais pequena noção de profilaxia anti-bacilar.

Abstraindo mesmo destas importantes funções sociais, bastaria a sua dotação pela A. N. T. com um aparelho de Raios X e um laboratório de análises clínicas, para justificar a sua existência nesta cidade, em virtude dos grandes serviços que poderia prestar a todas as classes numa terra aonde faltam ainda estes excelentes e imprescindíveis meios de diagnose.

Mas, como não há mal que sempre dure, eu creio bem que a A. N. T. não deixará de atender o pedido formulado pela Comissão Concelhia, logo que findem os seus compromissos com os dispensários em construção e em projecto e que não voltará a haver uma edilidade que rejeite oferta tão valiosa e que se negue a conceder a necessária participação.

Termino, apelando para que todos congreguem os seus esforços na luta contra este terrível flagelo e procurem fazer da nossa linda terra, uma cidade higiénica, limpa e sadia.

J. F.

A' MARGEM

E' preciso rasgar mais largos horizontes a essa mentalidade de café, apenas preocupada com os abexins e a bola.

Devemos contribuir com a nossa quota de boa vontade, para a resolução dos grandes problemas que o Governo Nacional procura resolver com espírito de justiça e noção das realidades.



São raros os homens que pelas suas acções se revelam integrados no espírito de justiça do Estado Novo Corporativo; abundam, no entanto, os que pelas suas palavras se confessam situacionistas.



Para ser um homem do Estado Novo, requiere-se honestidade, li-zura, desassombro, formação cristã, espírito nacionalista, desejo de servir e sacrificar-se; em síntese, uma mentalidade corporativa.



Um homem do Estado Novo Corporativo, coloca o interesse colectivo acima do particular; procede conforme um rigoroso espírito de justiça; alia ao desenvolvimento económico uma acção social, eficiente e equitativa; concede aos operários, colaboradores da sua empresa, salários, festas, subsídios para caixas de previdência que garantam aos que trabalham uma velhice liberta das garras da miséria.



Os adversários do Estado Novo, são aqueles que continuam amarrados a velhos princípios individualistas; hostilizam a organização corporativa; repudiam os grêmios, porque estes, além da defesa dos direitos económicos dos patrões, têm também por objectivo o cumprimento de imperiosos princípios, justiça social, que constituem a condição básica do triunfo do Estado Corporativo entre as classes operárias.



Os homens do Estado Corporativo são aqueles que possuem uma mentalidade sadia, capaz de contribuir para o total aniquilamento das ideias liberalistas de que ainda tantos andam eivados.

E' na hierarquia, na disciplina, na organização que reside o substato do Estado Novo.



«O comunismo converteu-se numa doutrina totalitária por necessidade de combate e agregou a si todas as aberrações da inteligência e é como sistema a síntese de todas as revoltas tradicionais da matéria contra o espírito e da barbárie contra a Civilização. Ele é a «grande heresia» da nossa idade.»

Salazar.

Grupo Cénico Mocidade Alegre

No salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia, que se encontrava literalmente repleto, realizou-se, domingo último, o espectáculo promovido pelo grupo cénico «Mocidade Alegre».

A primeira parte do sarau foi constituída pela representação das interessantes comédias «No aparelho» e «Dois casamentos num só pé», que tiveram um desempenho cheio de equilíbrio e acêrto.

Seguiu-se «Juramento de amor», opereta que J. Xavier de Carvalho concebeu com gosto e bom sentido das proporções. O desfecho da cena de amor foi lógico e humano.

Um atraente acto de variedades finalizou o espectáculo.

«Mocidade Alegre», grupo de bastante valia, possui apreciáveis elementos.

O programa, bem distribuído, agradou.

Abrilhou o espectáculo a orquestra da sr.^a D. Margarida Teixeira Policarpo.

*

Na escola Industrial de Francisco de Holanda, realizou-se também um espectáculo promovido por um grupo cénico portuense.

*

Na freguesia de Creixomil, lugar da Senhora da Cruz, efectuou-se a tradicional festa das moças, que foi muito concorrida.

VÂNDALOS NO POUQUADO!

Para que a Polícia nos oiça e o sr. administrador do Concelho nos acuda, aqui se relata, em forma de registo, uma série de proezas vândalicas, como se passa a ver:

4 arbustos cortados, na Avenida 31 de Janeiro;

2 tílias partidas, na Avenida Miguel Bombarda;

2 globos partidos, da iluminação pública, no Toural;

4 globos partidos, da iluminação pública, na Avenida Cândido Reis;

3 globos partidos, do candellabro, no Largo dos Cestos;

2 globos partidos, do candellabro, no Largo Mota Prego;

1 grade partida, no coreto do Jardim Público;

3 bancos mutilados no mesmo Jardim.

...E segue!

Custa a corporação da Polícia Civil do Concelho, para cima de 60.000\$00.

— Quem vigia, de noite, a cidade?

— Quem descobre os vândalos?

— Quem dá remédio a estes crimes... de mão cortada?

«Alicerces» dum Monumento

IV

Respondo à exortação.

O Monumento que se projecta, para bem corresponder à homenagem que a nossa geração deve aos mortos da Grande Guerra, tem de traduzir, antes e acima de tudo, um acontecimento de admiração e de piedade pelo sacrificio d'esses mortos.

Ora, se o projecto que teve o aplauso, mais ou menos reflectido, dos 50 a 100 dos vimaranenses, não obedeceu à razão que determina a homenagem do Monumento, êsse projecto, por isso mesmo — está errado!

Podem dizer-nos, com sérios fundamentos da crítica imparcial, que o aludido projecto é uma concepção artística que traduz beleza heróica.

De acôrdo.

Mas, se a homenagem é restrita à colaboração do esforço dos filhos do concelho na Grande Guerra, em tais circunstâncias o projecto excede o âmbito que lhe é correspondente adentro da verdade histórica que o deve inspirar.

A' cidade de Guimarães pode não ficar mal erigir na praça pública um monumento que, saindo fora do objectivo concreto, — a glorificação dos soldados do concelho mortos na Grande Guerra — signifique o arranque nacional para a frente da Grande Guerra.

Isso, porém, é tomar uma posição que não nos pertence, visto Guimarães não ser a capital da Nação.

Se, pois, tal projecto aqui se erigisse, êle excedia a verdade histórica do esforço vimaranense no grande pleito, de passo que ofendia as justas proporções e o sentido exacto da homenagem.

Semelhante projecto, se o bom acaso quisesse que êle fosse glorificador, por ex., da Batalha de S. Mamede, estaria certamente na lógica do acontecimento e no seu âmbito próprio; porquanto, nesse nacionalíssimo prélio de armas

«De Guimarães os campos se tingiam
co sangue próprio de intestina guerra.»

O ar marcial de desforra, de assalto, de «revanche», que o citado projecto oferece, agrada talvez ao nosso fundo rático de «portuguezinho valente; mas, se o que determina a idea do Monumento é a exteriorização de um pensamento de gratidão pelos nossos mortos na Grande Guerra, briga por isso mesmo o pretender-se não já conciliar uma com outra coisa, mas substitui-las.

Para se justificar êste acerto, basta trazer à imaginação aquele grupo escultórico que, no «Arco do Triunfo», em Paris, nos mostra a figura da Vitória conduzindo os marselheses à defesa da França. Tal grupo, seme-

lhante ao projecto do sr. capitão D. F., não foi esculpido para homenagear mortos, mas para glorificar um feito.

Emquanto, pois, o chamado grupo da Marselhesa, do «Arco do Triunfo», está concebido na lógica, na verdade histórica, o projecto em discussão está fora não só da lógica, da verdade histórica, mas até mesmo, sob o ponto de vista local, fora do senso das proporções!

È porque todos os exageros, — até mesmo quando com objectivos generosos, como no caso presente, — produzem reacções de crítica que os condena, mais acertado é evitá-los que incitá-los. Este é o objectivo que nos determina: *Pugnar porque se faça um Monumento, como o merece o sacrificio dos nossos soldados e como o requerem os nossos próprios sentimentos de gratidão e de patriotismo.*

*

Sômos por um Monumento que nesta hora conturbada e de ânimo belicoso, mais que nunca nos diz deve ser inspirador de sentimentos de ternura, de bondade, de paz entre os homens e não de arranque guerreiro, de vindita, de desforra.

Os mortos que pretendemos glorificar não querem certamente que a nossa ternura, a nossa bondade, os nossos designios de paz, nos convertam em cobardes, em pusilânimes, em instrumentos passivos perante o inimigo. Mas, se os mortos da Grande Guerra falassem, o seu apêlo único seria: que aproveitasse a memória do seu sacrificio, para evitar a ingloria de novos sacrificios, tam verdade é que, da Grande Guerra, ninguém verdadeiramente saiu vencedor!...

È vejam, os senhores, qual é, afinal, a concepção da maioria, da grande maioria dos Monumentos erigidos em França aos Mortos da Grande Guerra...

È singular o contraste!

Emquanto as terras mártires da França erguem monumentos nos cemitérios e nas praças públicas, animados de um idealismo heróico, mas de saúdade pelos mortos, em Guimarães, a 18 anos da grande hecatombe, pretende-se erigir um monumento que é a negação e o olvido d'esse sentimento de saúdade, pois mais parece destinado — a induzir à desforra pelo desastre que sofremos no duro e desigual recontro de 9 de Abril, ou cousa parecida!...

*

Vou fechar esta discussão. Se todos sinceramente quere- mos glorificar os mortos da Grande Guerra, por respeito à me-

Um «viva» considerado subversivo

Esta é autentica, verdadeira.

Até o Janeiro a publicou.

Foi em Oviedo, no dia do V aniversário da proclamação da República espanhola.

Atravessam as ruas, em marcha, os soldados do exército da Espanha.

Senhoras que estavam à janela, gritaram, «Viva a Espanha!».

Tanto bastou para tentarem assaltar o prédio donde as senhoras aclamaram a sua Pátria. Guardas de assalto impediram que os comunistas cumprissem os seus intentos.

Um «Viva a Espanha» é considerado um grito subversivo, uma provocação.

Só «vivas» à Rússia e a Staline são admissíveis.

Os comunistas da nação vizinha já não prezam a sua nacionalidade; são escravos da Rússia.

Este caso sintomático é a prova da dissolução espanhola.

«O espírito conservador é o inimigo público n.º 1 do Estado Novo Português.»

Fernando Homem Cristo.

mória dos mesmos não nos conflagremos em retaliações, fazendo aqui, neste «front», a guerra da discussão do Monumento.

Seria impróprio de nós, não honraria a nossa inteligência, que nos agastassemos, saltando a trincheira das boas normas de discussão, dirigindo-nos epítetos e galhofas.

Punhamos de novo o problema, examinando a proposta aprovada em Janeiro de 1934 pelo Município.

Pondo-a em plena positivação, podemos, de facto, ter de escascar duas «maquettes»; mas não teremos nunca de nos lastimar de ter perdido tantos esforços e tanto latim, vendo ir pela água abaixo (como usa dizer-se), a idea generosa e altruista do Monumento.

Quanto à sua divisa, ela foi-nos imposta pelo próprio exemplo que nos vem de toda a parte: — **Aos Mortos da Grande Guerra!**

Não temos que procurar na nossa fantasia... literária novos fundamentos para novas divisas.

Quem sucumbe num campo de batalha por um ideal comum, conquistou o direito a uma glorificação perene. Fôsse ou não herói, o sacrificio da sua vida redime-o, eleva-o, exalça-o para a posteridade.

O «soldado desconhecido» é o «herói desconhecido» — são os Mortos da Grande Guerra!

È disse.

A. L. DE CARVALHÓ.

C O R P O R A T I V I S M O

O GRITO DOS TRABALHADORES SINDICADOS AOS SEUS CAMARADAS: TRABALHADORES, UNI-VOS!

Constituiu uma vibrante apoteose ao Estado Novo a jornada Corporativa de sábado passado em Gaia.

Milhares de trabalhadores exultaram de alegria pela assinatura do contrato colectivo de trabalho entre o Sindicato dos tanoeiros e o grémio dos exportadores de vinho. Era uma gritante realidade que se aclamava.

«O Berço da Grei» honra-se em arquivar nas suas colunas o discurso que o sr. Mário Campos Lôbo, presidente do Sindicato Nacional dos Tipógrafos, oferece aos trabalhadores de Guimarães por intermédio deste jornal.

Mário Campos Lôbo pertence também ao escol dos operários que na Câmara Corporativa representam os trabalhadores portugueses.

Eis o discurso que este corporativista pronunciou no Palácio de Cristal, e cujo original teve a gentileza de oferecer ao «O Berço da Grei».

Ao fim de um dia tamanho de glórias para o trabalho nacional, que mais pode fazer um trabalhador humilde e simples, que não seja balbuciar, comovido, palavras de sincero agradecimento a quem deu possibilidades a esta obra magnífica, a esta obra que deixou de ser uma esperança, muito vaga e incerta, para se transformar numa realidade definitiva, pujante e bela?!

Mas o agradecimento, embora sincero, não basta, nesta hora incerta em que doidas tendências ainda distraem muitos companheiros de trabalho, com os olhos perdidos em errantes miragens.

Não basta e por que assim o julgo, aqui estou.

Estou porque ouvi, como todos devem ter escutado no fundo remoto e atento das almas o toque a reunir que pelo mundo chama os homens de boa vontade. Estou aqui para ser mais uma voz a gritar bem alto as três sílabas da palavra verdade, vocábulo que durante muito tempo andou esquecido e arredado dos ouvidos das multidões. Estou aqui porque a hora é de chamamento e de união.

Perigos comuns devem unir todos os trabalhadores num sentimento de aproximação fraterna. E digo fraterna dando a esta palavra uma amplitude tam grande que abranja toda a humanidade, porque o homem e o irmão de todos os homens e no campo austero da verdade não há diferenças que devam separar as criaturas. Se essas diferenças muitas vezes se notam e fazem desapidadamente sentir é porque alguns homens não compreendem ou não querem compreender o sentido verdadeiro dessa palavra fraternidade. O pequeno e o poderoso são irmãos. Iguala-os e

irmana-os inconfundivelmente a mesma necessidade de subsistir e a mesma certeza de morte.

Sòmente para que a voz dos fracos se faça ouvir, como ela é proferida de muito longe, a toda a distância criada pelas convenções, necessário é que elas falem em côro, para que o som engrosse, transponha distâncias e vença a surdez dos isolamentos altivos.

Ora é por isso que eu vim para ser mais um som no acorde geral, mais um brado a unir-se e a reforçar o brado alheio.

Este clamor unísono de todos nós é uma manifestação legítima dos princípios iniciais da idea corporativa e o facto de estarmos aqui, celebrando um acontecimento notável ordeiramente, como apóstolos pacíficos duma idea nobre é já um passo, um grande passo andado no caminho das conquistas necessárias à paz das almas, à paz dos lares, à paz do mundo.

A hora é propícia para unir os que por desconhecimento, descrença ou preguiça ainda teimam em viver no isolamento profissional que hoje é um contracenso e um perigo.

Quando um governo bem intencionado diz aos proletários duma nação — uni-vos! — porque nós defendemos a colectividade, é desleixo, mais que desleixo, é insensatez, não ouvir essa voz que nos chama ao caminho das justas realizações.

Camaradas, a voz dum homem é um murmúrio que se perde na vastidão do ar, a voz de milhares de homens é um som articulado, forte e perceptível que mesmo os distraídos têm que ouvir e tomar em conta.

As liberdades apregoadas nas vésperas de revolta, são sempre promessas de inimigos que nos

querem aliciar, promessas feitas para não serem cumpridas e, por isso mesmo, fantásticas e mirabolantes. Os operários de todo o mundo já sabem o que elas valem pela dura provação dos grandes desalentos e das grandes mentiras.

Hoje, entre nós, a revolução faz-se sem promessas e vem há muito firmando-se com realizações.

Porque então não vêm todos os trabalhadores aproveitar dos benefícios que já existem e que não são uma vaga promessa feita nas vésperas duma tentativa incerta e de antemão condenada ao insucesso que sempre marca os movimentos inspirados no ódio das classes?

Aqueles de vós que estiverem de boa-fé e imparcialmente analisarem o caminho percorrido pelos orientadores do Estado Corporativo são obrigados a dizer consigo que muito se tem feito, que muito se tem construído sobre o caos: do nada têm saído magníficas afirmações de vida e palmas viçosas de esperança.

Se o êxito obtido não é já um triunfo colossal, é porque as agremiações ainda são poucas, é porque muitos dos nossos camaradas se têm esquecido do que devem à corporação e a si próprios.

Quando o Estado incita e ajuda a dignificar as profissões, porque não se agrupam todos em volta dos seus princípios para se assegurarem a uma vida nova?

Essa vida nova é mister que surja como exemplo, como prémio e até como afirmação da inteligência. O trabalho, longe de ser um opróbrio degradante é um foro da mais lídima e verdadeira nobreza. Ora para que esse foro de nobreza se dignifique é preciso que os trabalhadores tomem na vida uma atitude nobre e ordeira que os faça impor não como elemento de desordem mas como força útil, pacífica, propulsora da grandeza económica duma pátria.

Dentro das normas do Estado Novo está o segrêdo dessa dignificação do trabalho e uma vez dignificado e compreendido pelo justo valor do seu merecimento, o trabalho trará como contra-partida aos lares operários a paz, a ventura e a alegria.

Trabalhadores meus irmãos, uni-vos em volta da idea corporativa para que a hora adversa vos não encontre disseminados e sòzinhos, para que nos vossos lares haja pão, para que a vossa velhice tenha o amparo devido aos que foram úteis à sua terra e à colectividade.

Uni-vos, não para protestos desvairados mas para afirmações de comunhão perfeita com as doutrinas da Verdade.

E é, camaradas, porque eu amo e defendo esta verdade que posso vir falar-vos neste dia. Irmão na labuta, sou-o também no sonho

(Continua na pág. 7).

Porque se não organiza a classe patronal?

No nacionalismo português foram os operários que melhor compreenderam a organização corporativa.

Por toda a parte aumentam sem cessar os Sindicatos nacionais, o que representa a organização dos trabalhadores; grémios patronais, não se conta uma dezena!...

A confirmar esta verdade temos Guimarães, onde todas as massas operários se encontram organizadas. Quanto a grémios, nem um para amostra.

A relutância patronal em organizar-se, há-de trazer funestas conseqüências a ambas as partes num futuro que se avizinha, e que eu nos próximos artigos explicarei.

Agora apenas tentarei dizer que o patronato deve apressar a sua organização, porque o Estado Corporativo pretende que dirigentes e dirigidos se entendam cordealmente, de modo que desta recíproca cooperação resultem todas as reinvidicações que as duas actividades carecem.

E' preciso, é necessário, sem o que nenhuma realização concreta é possível, que as actividades patronais se organizem, se disciplinem, procurando por intermédio dos seus órgãos representativos extinguir certos males que contribuem para a desvalorização da indústria.

A organização traz inúmeros benefícios para ambas as partes.

Sem ela, tanto patrões como operários, nada poderão conseguir de útil e proveitoso.

A condição da resolução da chamada questão social, só resultará da efectivação dos contratos colectivos.

Com esta medida, todos os problemas se resolveriam pelo melhor processo.

Sem a organização do capital nenhuma reivindicação obterá o operariado, porque elas provêm de uma bem entendida cooperação com os patrões.

E' necessário afirmar, que a constituição dos grémios não é um dever nem um direito. E' uma obrigação.

Se os nossos patrões se compenetrarem desta verdade ter-se-á dado um grande passo em frente na divulgação do Corporativismo nacional.

FRANCISCO FORMIGA.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PEDIBOLA

Vitória 10 — F. C. de Famalicão 1

Realizaram-se no passado domingo, perante regular assistência, dois desafios no campo de Bemlhevai.

Em ambos o Vitória mostrou nítida superioridade.

Do F. C. de Famalicão esperava-se uma boa partida.

O Vitória, porém, talvez pelo forte desejo de desfazer más impressões, atacou desde início com impetuosidade não permitindo que o seu adversário chegasse a comandar a partida.

Assim se explica o resultado de 10-1 a favor dos locais.

No Vitória faltaram Laureta e João Jesus, aparecendo a substituí-los respectivamente José Maria e Pantaleão que se desempenharam bem.

José Maria revelou habilidade e boa intuição para o lugar.

No primeiro encontro, Lusitano F. C. e reservas do Vitória, venceram os locais por 3-1.

Divirto-me imenso quando ouço falar de «direitas» e «esquerdas». Creio que estas nomenclaturas, em boa verdade, nada significam.

Por mim, por exemplo, se me dizem que a «direita» quer dizer disciplina social, tradição, autoridade forte e unidade de direcção — sou da «direita»

Por outro lado quando me afirmam que a «esquerda» significa procurar a melhoria das condições de vida do povo, até sua admissão no seio governamental, à sua elevação constante pelo bem-estar e pela educação, isto é, enfrentando as altas reivindicações sociais — sou, exponêncemente da «esquerda».

SALAZAR.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques — Amanhã realiza-se a Comunhão Mensal desta Alcateia, devendo por êste motivo todos os lobitos apresentar-se confessados e uniformizados, pelas 14 horas.

Grupo n.º 6 (São Dâmaso) — A formatura amanhã será pelas 7,45 horas, para se assistir à Santa Missa.

Todos os escutas se devem apresentar devidamente uniformizados.

E' nomeado Sub-Guia da Patrulha Lobo o escuta Gabriel Bastos.

DO CONCELHO

Brito, 11-5-936.

Sábado da Aleluia

(Atrasada)

Ao rabiscar estes magros linguadinhos, perpassa por cima da minha cabeça o «Repique, sonoro e festivo» do campanário da nossa Igreja anunciando as «Aleluias da Ressurreição» e lembrando o velho costume de se ir a toda a pressa cortar uma flor e, apresentando-a à primeira pessoa que apareça, diz-lhe: — «Me dará o seu Folar».

Vou mostrar aos srs. Matemáticos que, para estes lados do «Ave», um meio é igual a um terço — ($\frac{1}{2} = \frac{1}{3}$)! — isto em quantidades continuas.

E, senão, vejam: a torre da igreja paroquial marca pela continuação da sua frente, em sentido lateral, uma linha divisória da freguesia em duas partes chamadas — Terça de Cima e Terça de Baixo! Altas Matemáticas!...

Neste ano vai principiar a Visita Pascal pela Terça de Baixo. Na forma dos outros anos todos se preparam para receber o seu Pastor com verdadeiro amor de bons cristãos.

Páscoa da minha Terra!... Páscoa da minha infância!... Que saudades... quando eu subia ao nosso Campo da Horta de Cima para contemplar o «Compasso» que serpeava, célere, na encosta fronteira da serra, galgando córregos e descendo colinas.

A' frente, o rapaz da campainha, que tanta inveja me causava. Eu daria tudo para fazer: tlim, tlim; tlim, tlim...

A seguir, a Cruz Paroquial, conduzida em triunfo pelas mãos calosas do «Mordomo da Cruz», faiscando reverberos doirados de luz, enfeitada, ou com os cordões de ouro das mulheres, entrelaçados com mimosa arte, ou matizada de raminhos de flores e muitos laços de fitas de seda, soltas ao vento.

Ao centro a imagem do Divino Crucificado, com os braços abertos para só receber amor; e a Cabeça, toda exangue e pendente para chamar e perdoar.

Lá vai em Aleluia triunfal levar a cada lar a Paz — a Paz da Cruz de Cristo — aquela Paz que o mundo não pode dar (*ilam quam mundus dare non potest, pacem*).

Atrás, a figura alvinente do sr. Abade, contrastando com o carmezim das opas do seu séquito, levando cestas forradas com toalhas alvíssimas, enfeitadas com fitas de seda, e destinadas a receber os «Folares».

Aqui um prato de ovos (os ovos de Páscoa), oferta duma velhinha pobre; além, um cartucho de açúcar; acolá outro de arroz: agora, uma meada de linho em estrigas; logo, a mesma já curada. Emfim, à noite, a residência paroquial é uma mercearia-miniatura. E todos contemplam o seu Pastor, co-

movido com a generosidade dos seus fregueses.

Surge, alfim, na primeira esquina do lugar o almejado «Compasso». Ao entrar, todos de joelhos. Aleluia, Aleluia! Ressuscitou o Filho da Virgem Maria!... profere, comovido, o Mordomo da Cruz.

Após êle o sr. Abade, aspergindo água-benta, tudo abençoa. E dirigindo-se ao 'hele da Família: Boas Festas em Nosso Senhor Ressuscitado!

Nas casas abastadas são oferecidos doces e vinho. As donzelas da casa, na sua formosa candura, lá vêm oferecer ao sr. Abade um raminho de amores, margaridas, serpão, goivos, etc. A virgindade em colóquio com a santidade!...

Mas o tempo urge. Lá vai o «Compasso» de lar em lar, por vales e montes, triunfante e majestático.

Se, ao Natal devemos chamar a Festa cristã da família, a Páscoa é a festa cristã das Famílias. E' o dia que o Senhor fez. Por isso os compadres vão levar a rósca aos afilhados, saborear o bom rascante, acompanhado de saborosa roqueifa, doces, etc.

Tudo alegrias e festa comunicativa das famílias. A festa da Páscoa é a festa da Paz de Cristo!

Se, como nas aldeias rurais, nos centros populosos se festejasse a Paz de Cristo, o progresso moral das Pátrias iria a par com o seu progresso material. E assim poderíamos viver melhor nesta nossa peregrinação pela Terra, como diziam os nossos maiores.

Páscoa da minha aldeia, como és linda e expressiva da nossa Fé de antanho!... — C.

Ronfe, 16-IV-936

Com 83 anos de idade, faleceu, nesta freguesia, lugar do Olival, pelas 6 horas da tarde do dia 10 do corrente, depois duma prolongada e penosa doença, a sr.ª D. Matilde Lopes Cardoso, viúva, proprietária desta populosa freguesia.

Era mãe extremosa do sr. Manuel Mendes Corvite e avó carinhosa das sr.ªs DD. Josefina e Maria.

O seu cadáver, encerrado em rico ataúde esteve depositado durante o dia 11 e 12 numa das salas da sua residência, onde muitas pessoas, de todas as categorias sociais, depois de apresentarem os seus sentimentos ao sr. Corvite e demais família, a foram ver pela última vez.

No dia 13 pelas 9 horas da manhã foi feito o levantamento pelo rev. Horácio de Araújo, cooperador desta freguesia, sendo em seguida cantado o *Miserere* por 15 sacerdotes das freguesias limitrofes.

No acompanhamento tomaram parte as confrarias: do Senhor dos Passos, de Oliveira, do Sagrado

«O Berço da Grei»

A nossa local «Hora de inquietação internacional» foi transcrita pela *Verdade*, combativo e vigoroso defensor do Estado Novo, que Costa Brochado, jornalista de alto valor dirige com superior critério.

O *Barcelense*, um dos melhores jornais regionalistas que nos visita, transcreveu o nosso «suelto» sobre a Festa do 1.º de Maio.

O *Diário da Manhã*, órgão da União Nacional, deu-nos a honra de reproduzir o nosso «à margem» sobre a demofilia burguesa.

Aos nossos brilhantes colegas agradecemos a gentileza das transcrições.

Coração de Jesus, de Brito; de Ronfe tomaram parte as confrarias do Sagrado Coração de Jesus, Santa Infância, A Casa do Povo e o Grupo de Escutas existente nesta freguesia, de cujos a finada era benfeitora, além de várias pessoa amigas da família enlutada e da falecida.

Chegado que foi à igreja paroquial o préstito fúnebre imediatamente se seguiu o ofício *pro defunctis* cantado pelos mesmos sacerdotes que atrás enumerei.

Em seguida foi cantada a Missa de *Requiem* pelo mesmo sacerdote que fez o levantamento, acolitado pelos rev.ªs de Candoro e Pedome, cerimoniando os rev.ªs de Joane e Mogege.

Findos os actos religiosos, foi conduzido o esquife para o carro fúnebre que o havia de transportar ao jazigo familiar situado na freguesia de Brito, onde depois das últimas orações, ficou sepultada.

De todo o coração apresentamos as nossas condolências à família dorida, em nome de *O Berço da Grei*.

— Hoje, pela 1,30 horas da tarde, veio a Ronfe o sr. Mário Menezes, ilustre professor dessa cidade acompanhado de sua ex.ª espôsa, visitando seu intimo amigo padre Horácio de Araújo.

— Encontra-se, nesta freguesia, a passar as férias da Páscoa o quartanista de Teologia Manuel de Oliveira Campos.

— Está de cama em virtude dum ataque de albuminia, o sr. Francisco Cardoso, ilustre capitalista desta terra.

— Realizou-se, no domingo passado, a costumada visita pascal que decorreu admiravelmente, apesar da chuva que de manhã caiu regularmente.

— Está quasi concluído o edificio escolar destinado ao sexo masculino desta freguesia, cuja construção se deve à iniciativa do ilustre industrial António Teixeira de Melo.

— De visita a seu tio Joaquim Pereira de Abreu, esteve ontem nesta freguesia o sr. padre Francisco Fernandes Salazar, pároco de Vila Nova de Sande. — C.

A RÚSSIA AO LÉU

Situação moral

«Quanto às violações e estu-
pros cometidos pelos professo-
res bolchevistas, sabe-se, entre
mil outros exemplos, que numa
região da Samascardia, entre 46
pequenas de 8 a 14 anos, 16 ti-
nham sido violadas pelos profes-
sores, mas a manifestação mais
impressionante de «degenerescência»
e «decomposição» traduz-se pe-
los escândalos que lançaram vi-
vos clarões sobre a realidade
russa.»

«Aproveitando-se do monopó-
lio da venda por miúdo, as
cooperativas entregam-se a um
mercantilismo desenfreado, ex-
ploram o consumidor, realizam
benefícios líquidos de mais de
200 por cento, pelos piores pro-
cessos capitalistas. Os clientes
operários são recebidos como
cães.»

«Emfim, Tomstvy, não se aca-
nhou de dizer, em substância,
no VIII congresso sindical «toda
a gente rouba, e por toda a
parte.»

O que transcrevemos é da
Seara Nova. Os passos repro-
duzidos afirmam eloquentemente
que o comunismo russo é a re-
volução da miséria moral.

O «caso espanhol», aqui ao pé
da porta, dispensa-nos, porém, a
evocação da vida russa para de-
monstrar a miséria comunista.

Aguardemos que «nuestros
hermanos» abandonem os en-
saos gerais e entrem no campo
das realidades.

Só assim as criadas de servir
poderão ver as suas reclamações
satisfeitas: «oito horas de traba-
lho por dia e não dormir nas
casas dos... patrões».

"GIL VICENTE"

Recebemos o último número
desta revista de cultura naciona-
lista que os srs. D. José Ferrão
e Manuel Alves de Oliveira diri-
gem com distinção.

Contém colaboração de Antó-
nio A. Dória, Hipólito Raposo,
Alberto V. Braga, Manuel Alves
de Oliveira, etc.

Agradecemos a gentileza da
oferta.

CONCERTO

No próximo domingo realiza-se
no salão do Asilo de Santa Este-
fânia um concêrto por um apri-
morado grupo de artistas por-
tuenses, em que colabora o nosso
conterrâneo sr. Artur Sequeira,
artista de reconhecido valor.

O problema das águas

(Continuação da 2.ª página)

Na região a energia eléctrica
é barata.

Quanto à captação julgo, sal-
vo melhor opinião, que um
poço filtrante daria os resulta-
dos desejados apatrecando a
estação elevatória com disposi-
tivo de cloragem.

A não ser assim teríamos de es-
tabelecer prefiltros e filtros tanto
em Fermentões como nas Taipas.

Pôsto assim o problema aban-
donam-se os mananciais da Pe-
nha? De modo nenhum a água
da Penha vem por gravidade, e
quanto mais vier menos há que
elevar, e ajuda a amortizar os
encargos da nova instalação. Há
estudos feitos para novas capta-
ções de pequeno dispêndio. Mas
vejo dúvida que se façam desde
que o rendimento da água, que
nêles se colhe, dê para uma rápi-
da amortização.

A água da Penha deve bastar
para Guimarães durante seis me-
ses do ano e melhor ainda se
também puder armazenar-se no
depósito de Fermentões. Há que
contar, portanto, com a eleva-
ção durante seis meses e uma
outra vez, excepcionalmente.

Torna-se indispensável decre-
tar a ligação obrigatória e o con-
sumo mínimo. O preço actual
deve elevar-se para fazer face
aos novos encargos e estabelecer
também uma tabela especial para
os grandes consumos dos esta-
befecimentos industriais.

Eis sumariamente o meu modo
de ver no importante e urgente
problema.

Trabalhadores, uni-vos!

(Continuação da página 5)

realizável da dignificação do traba-
lho e do trabalhador, sou-o no de-
sejo de bem servir a minha terra e
a minha corporação, sou-o porque
como vós tenho sofrido males que
juntos poderíamos minorar e talvez
arredar para sempre das nossas
possibilidades de infortúnio.

A nossa obra será grande e forte
quando for a obra de todos.

Então se está nas nossas mãos
torná-la forte e imensa, porque
teimaremos que seja pequena e peric-
litante?

Unamo-nos sob a bandeira gene-
rosa do Estado Corporativo porque
assim completamos a nossa maior
e mais justa conquista.

E' o nosso lar, são os nossos fi-
lhos que têm o direito de exigir de
nós êsse gesto tam simples e ao
mesmo tempo tão humano de nos
unirmos para o bem comum, de
nos lembrar que a hora é de união:
união da verdade contra a mentira,
união do bem contra o mal, união
dos realizadores pacíficos contra a
horda dos que destroem e queimam
almas e propriedades, união de to-
dos os portugueses de boa vontade,
para que à chamada possam em
côro responder, firmes e de seus
postos: Presente, por Portugal.

S. Tomé e Príncipe

As contas de gerência desta
nossa colónia, referentes ao ano
económico de 1934-35, fecharam
com o saldo positivo de 773.650\$63.

A receita prevista era de Esc.
7.953.507\$21, tendo a cobrança
produzido 8.159.017\$24. As des-
pesas pagas foram de 7.385.366\$59.

O movimento comercial externo
da mesma colónia, no ano de 1935,
foi o seguinte em contas:

Importação nacional	10.465
» estrangeira	8.056
	18.521
Exportação para portos nacionais	31.813
Idem, estrangeiros	19
	31.832

Verifica-se um aumento na im-
portação de 2.506 contos e na ex-
portação de 6.130 contos, sobre o
ano de 1934.

A exportação dos cinco princi-
pais produtos da colónia, mostra
as seguintes diferenças:

Cacau: em 1934, 9.006 tonela-
das, no valor de 18.004 contos; em
1935, 10.884 toneladas, no valor
de 21.978 contos.

Café: em 1934, 754 toneladas,
no valor de 3.256 contos; em 1935,
876 toneladas, no valor de 3.271
contos.

Coconote: em 1934, 3.179 tone-
ladas, no valor de 2.238 contos;
em 1935, 3.765 toneladas, no va-
lor de 3.141 contos.

Copra: em 1935, 1.108 tonela-
das, no valor de 850 contos; em
1935, 1.462 toneladas, no valor de
1.299 contos.

Oleo de Palma: em 1934, 651
toneladas, no valor de 749 contos;
em 1935, 1.021 toneladas, no va-
lor de 1.639 contos.

D. Ana da Conceição Boaventura

Não sendo possível celebrar a
missa do 30.º dia por a isso se
opor a liturgia da Igreja, pela
alma de D. Ana da Conceição
Boaventura, espôsa dedicada do
sr. Manuel Joaquim Boaventura,
falecida na freguesia de Palmeira
de Faro (Esposende), em 10 de
Março, o sr. P.º Artur Fernandes
Guimarães, interpretando a de-
dicação e amizade que o profes-
sorado primário tem pelo seu
digno director dêste distrito es-
colar, desolado viúvo, e solidari-
zando-se com a briosa classe
dos professores primários e re-
gentes dos Postos de Ensino,
roga às pessoas das suas relações
e amizade e da ex.ª família enlu-
tada, às famílias e alunos das es-
colas oficiais e particulares dêste
concelho de Guimarães, a subida
fineza de assistirem à missa e
Libera-Me que pela alma da ve-
neranda extinta se há-de realizar
no dia 30, quinta-feira próxima,
pelas 10 e meia (oficiais) no ma-
jestoso templo da Ordem de S.
Francisco da cidade de Guimarães.

Secretaria Judicial de Guimarães

ANUNCIO

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito
desta comarca e cartório
da primeira secção, nos
autos de reforma de título
de crédito mercantil, que
o Ministério Público nesta
comarca, como represen-
tante do Estado, move
contra a Companhia dos
Banhos de Vizela e D. Ma-
ria Augusta de Sousa Mar-
tins, — actualmente resi-
dente em parte incerta, —
correm éditos de trinta
dias, a contar da última
publicação dêste anúncio,
citando aquela D. Maria
Augusta de Sousa Mar-
tins, para no oitavo dia
depois de findo o prazo
dos éditos de quarenta
dias e da sua última publi-
cação, comparecer na sala
das audiências do Tribu-
nal dêste juízo, pelas 12
horas, a fim de se proce-
der à conferência de que
trata o artigo 152 do Có-
digo do Processo Comer-
cial, isto é, tratar-se da
reforma da acção da Com-
panhia dos Banhos de
Vizela, número 679 do va-
lor nominal de 100\$00,
hoje pertença do Estado e
que se achava averbada
em nome daquela D. Ma-
ria Augusta de Sousa Mar-
tins, visto esta ter perdido
a sua propriedade e posse
por não ter recebido os res-
pectivos dividendos desde
1896, como determina o
Decreto n.º 10.634 de 20 de
Março de 1925. Nessa
conferência serão apre-
sentados pela citanda e
pelas demais pessoas in-
tervientes na causa e que
devem assistir à conferên-
cia, quaisquer escritos que
tenham e relativos ao tí-
tulo destruído.

Guimarães, 16 de Abril
de 1936.

O chefe interino da 1.ª secção
Eurípedes Eleazar de Brito.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,
Artur Valente.

J U V E N T U D E

A romagem dos Novos de Portugal ao Berço da Nacionalidade

Conforme havia sido noticiado nos jornais do País, realizou-se no sábado e domingo passados, a romagem nacionalista dos Novos de Portugal a esta cidade.

Apesar do forte temporal que caiu sobre nós durante toda a tarde e noite de sábado, a mocidade soube comparecer e responder à chamada da Pátria com o seu «presente»!

De Lisboa, devido ao mau tempo, não se pôde organizar o comêo especial. Mas nem por isso desmereceu o alto significado da Festa, e, lá de longe, embora distantes, tenho a certeza que espiritualmente estavam connosco a afirmar a sua Fé nos destinos da Pátria Imperial, junto ao pedestal da estátua do fundador da nacionalidade!

O velho burgo vimeirense soube bem corresponder à iniciativa, de todos os modos louvável, de apostolização da mocidade junto aos testemunhos vivos da nossa história, radicando-lhes o Amor da Pátria no conhecimento das suas glórias de antanho para feitos de glórias futuras. O imponente largo de D. Afonso Henriques e as ruas do percurso do cortejo encontravam-se engalanadas com bandeiras e artísticas e ricas colgaduras de seda. O elemento feminino, às sacadas e janelas, davam à festa um ambiente alegre, cobrindo de flores os visitantes, à sua passagem.

Vinhamos: embora prejudicada pelo vendaval de sábado, em nada, desmoreceu o alto significado educativo de Amor à Pátria, da romagem dos Novos de Portugal.

No sábado, debaixo de fortes aguaceiros, a juventude portuense, não podendo acampar, em redor do Castelo, aquartelou-se nos antigos Paços dos Duques de Bragança, Barcelos e Guimarães. Aí efectuaram o fogo-do-conselho com carácter de «Velada de Armas» com a assistência dos Chefes Escutas de Guimarães.

Falou o sr. tenente dr. Gomes dos Santos.

O seu discurso, cheio de ardente fé nacionalista, foi uma lição à mocidade, educando-lhes o carácter e a vontade, pedras basilares de toda a educação.

Nesta hora grave de inquietação internacional a mocidade portuguesa, cónscia do seu dever, grita — e a sua voz ouve-se do Minho a Timor — o alerta!, alerta de chamamento às fileiras da Pátria, para glórias de mais alto, mais além!

ANTÓNIO-LINO.

O domingo amanheceu de sol. De manhã, ao toque de clarins, foi hasteada no acampamento a bandeira nacional.

Às 15 horas organizou-se no alto da Avenida Cândido dos Reis um cortejo, que parou ao redor da estátua do fundador da nacionalidade.

Nêles tomaram parte os Sindicatos Nacionais, Bombeiros desta cidade, Taipas e Vizela, com a sua banda de música, escoteiros e escutas, representantes da universidade e liceus de Lisboa e Pôrto, orfeão de Guimarães, associações recreativas, etc.

O largo achava-se repleto.

Subiu até junto do pedestal da Estátua de D. Afonso Henriques o sr. Presidente da C. A. da Câmara que saudou os Novos de Portugal.

O escoteiro-chefe sr. António Pinto Bastos, leu, em seguida, o discurso:

Gente Nova de Portugal

Neste quadrante da História, tam cheio de esperança e ao mesmo tempo de interrogações pessimistas, cabe à nossa mocidade contribuir no mais alto grau para a reconstrução moral da Pátria indo buscar ao património das gerações passadas os estímulos sagrados que

nos abrirão de par em par as portas misteriosas do futuro.

Por isso, e para que não sequem as raízes que nos prendem à alma eterna da nacionalidade, aqui viemos hoje, espontaneamente, em romagem patriótica, como os cavaleiros das antigas eras, fortes na Fé e na esperança, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercados das sombras dos cronistas e dos poetas do Portugal antigo.

Na Torre de menagem do Castelo de Guimarães e nas suas ameias rendilhadas, recortando caprichosamente o azul cinzento do nosso céu, crescem as ervas tranqüilamente; já não há homens de armas de sentinela à barbacan, e as suas torres de vigia estão desertas.

Embora. As nossas almas moças povoam-nas novamente de lanças e cavaleiros ardentes, na ânsia de feitos gloriosos, — nova Ala de Namorados sedenta de batalhas.

Conheceis acaso aquela frase do notável escritor francês Maurice Barrés na colina inspirada?... «O que é um grande pensamento se o entusiasmo o não anima? O que é um grande entusiasmo se o pensamento o não coordena?»

Porque é esta a fórmula exacta em que o nosso nacionalismo se confunde e se amplia num tradicionalismo inteligente e fecundo

aquí viemos ao berço onde Portugal nasceu, microscópico, pobre, cercado de constantes perigos, a recordar que foi nos campos de batalha que êle viu a luz primeira, e que foi pelo esforço heróico e persistente de outras mocidades já extintas, que se conquistou palmo a palmo o solo pátrio. Aquí estamos para recordar a Portugal os exemplos de abnegação, de lealdade, de amor à Terra-Mãe das gerações que nos precederam, e lembrar ao mundo o concurso gigantesco da Nação portuguesa no desenvolvimento da civilização dos povos, a quem levou a sua fé, as suas instituições e a sua língua.

Na aspiração de restituirmos à nacionalidade portuguesa a sua alma adormecida, e levá-la a participar da marcha do mundo por mercê da função civilizadora de que Portugal ainda é capaz, ofertamos agora à Pátria todo o sangue generoso da nossa mocidade.

As energias salutaras ainda não desapareceram da face da Terra portuguesa e por isso estamos certos de que Portugal tem ainda uma altíssima missão a cumprir, antes de se envolver para sempre — como dizia um grande escritor — nas dobras da bandeira do fundador da nacionalidade e ir ocupar no vasto cemitério da História o largo jazigo das nações que morrem.

Brada pois comigo, ó mocidade, Mais alto e mais além!

O sr. tenente Gomes dos Santos, ilustre professor do Colégio Militar e advogado, a seguir, num discurso que arrebatou a assistência disse:

Ex.^{mas} Autoridades, Senhoras e Povo de Guimarães:

A recepção carinhosíssima que dispensais aos «Novos de Portugal» é um sinal evidente da fidalguia que vos caracteriza e do alto significado patriótico das solenidades que promovemos em honra do Fundador da Nacionalidade.

Desde o Venerando Chefe do Estado e os ilustres membros do Governo até às dignas autoridades e ao generoso povo desta hospitaleira cidade, os «Novos de Portugal» estabelecem o mais admirável círculo escutista, unindo todos os cidadãos na mesma Fé, na mesma Coragem, na mesma Vontade, no mesmo anseio divino de Ressurgimento — num abraço indissolúvel, do mais puro Nacionalismo e Solidariedade, sob o excelso patrocínio de D. Afonso Henriques.

Dirige um apêlo à Mulher Portuguesa para que aponte aos seus filhos o exemplo de abnegação,

coragem e vitória dêsse grande português e continua:

Novos de Portugal: — Reunidos em volta deste monumento, afirmemos ao Mundo que saberemos defender heróicamente, o património espiritual e a integridade territorial do Império Português de Aquem e de Além-Mar!

Podem conjurar-se todos os ódios, todas as insídias, desgraças e trações, que não será possível destruir a Nação gloriosíssima que D. Afonso Henriques fundou há oito séculos, que três séculos depois o Infante D. Henrique fez dilatar através dos mares e continentes até então desconhecidos, e que o génio de Camões imortalizou nas estrofes maravilhosas e sublimes dos «Lusiadas»!

O edifício da Educação da Mocidade, a obra dos Novos de Portugal assenta sobre este tríptico gigantesco, sobre estas três olímpicas e majestosas colunas que serão perpetuamente iluminadas pelo patriotismo, dedicação e sacrifício de todas as gerações vindouras, assinalando a Força, o Génio, a Disciplina e a Beleza deste Povo eleito de Deus, cheio de graça, que traz no seu olhar, bem acesa, a Fé no seu Destino!

Portugal não se poderá subverter, porque o seu magnânimo Fundador gravou no Escudo Nacional as próprias Armas que Deus, para si, na Cruz tomou, porque o símbolo da Redenção, a milagrosa Cruz de Cristo se ostenta magnificamente, desde há cinco séculos, nas velas esbeltas das Naus Portuguesas, e hoje brilha como a mais formosa Estrela que, nas asas dos nossos Aviadores se dirige até aos Céus, projectando-se no Infinito, entrando na Eternidade, para ocupar o assento «atêreo» de Povo predestinado para os Feitos mais belos e audaciosos!

Nós queremos que o Império português daquém e de além-mar, seja defendido!

Portugueses: — Preparemo-nos todos, com entusiasmo, dignidade e harmonia, para celebrar, em 1940, o oitavo centenário da Fundação da Nacionalidade e o terceiro da Restauração da Nossa eterna Independência.

Vamos constituir, vamos organizar o Orfeão mágico; de todas as esperanças, alegrias, virtudes, heroísmos e amores, para fazer ouvir, desde a Terra até ao Céu, a fama das tradições heróicas do passado e as nobilíssimas Vitórias do Futuro, Sempre Mais Alto e Mais Além!

(Conclue no próximo número).